

HISTÓRIA DA CACHAÇA EM PARATY

HISTÓRIA





LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA

DELIMITAÇÃO DA ÁREA DE PRODUÇÃO

Localizado no litoral sul do Rio de Janeiro, junto à Baía da Ilha Grande, o município de Paraty integra a região turística da Costa Verde. Sob a predominância de um clima tropical, quente e úmido, com temperaturas anuais que variam da mínima de 12° à máxima de 38°, seus verões quentes e chuvosos, com

alta umidade relativa do ar, são seguidos de invernos mais frios e secos. Com média anual de 27°, apresenta índice pluviométrico de 2.384 mm. Extensão Territorial: 930,7 Km²

Coordenadas:
Latitude Sul: 23°56'26" /
Longitude Oeste: 46°19'47"
Altitude: dois metros acima do nível do mar
População: 40.478 habitantes
(estimativa de 2015, IBGE)

Limita-se, ao Norte, com Angra dos Reis, RJ; ao Sul, com Ubatuba, SP; a Leste, com o Oceano Atlântico, e a Oeste, com o município de Cunha, SP. O relevo acidentado da Serra do Mar que delimita a região apresenta trechos montanhosos com grandes vales e também trechos de planície com extensas e férteis várzeas.

E toda sua extensão se caracteriza pelo mergulho da serra no oceano: o encontro do mar com a montanha resulta na bela particularidade de sua paisagem, enriquecida ainda pela bacia hidrográfica, com todos os rios nascendo e desaguando no próprio município.

A soma desses fatores cria em Paraty um microclima com características únicas, que influenciam no comportamento da cana-de-açúcar e também no processo de fermentação do caldo da cana, resultando em um destilado com características bastante particulares.

HISTÓRIA

As histórias da cachaça e do município de Paraty interligam-se em suas raízes. Ambas se confundem de tal maneira em seus aspectos culturais, sociais e econômicos, que é praticamente impossível falar de uma sem se referir à outra...

OS PRIMÓDIOS DA CACHAÇA

“Uma das protagonistas da civilização do açúcar, a cachaça marcou um dos mais importantes períodos do desenvolvimento econômico do Brasil Colônia, principalmente no tempo das capitâncias hereditárias. Pode-se dizer que, historicamente, a cachaça foi testemunha ocular das transformações econômicas vivenciadas pelo Brasil”,

analisa Jairo Martins Costa, em seu livro “Cachaça – O Mais Brasileiro dos Prazeres”. Segundo ele, a cultura do açúcar, e por consequência da cachaça, começou bem antes da expedição do colonizador Martim Afonso de Souza no litoral paulista, em 1532. Há registros de que as primeiras mudas foram trazidas da Ilha da Madeira para o Brasil por ocasião da segunda expedição portuguesa que aqui aportou, em

• HISTÓRIA • OS PRIMÓRDIOS DA CACHAÇA • PARATY NA LINHA DO TEMPO • A FASE ÁUREA • PERÍODO DE DECADÊNCIA • Novos Caminhos • O SÉCULO XXI E A CACHAÇA DE PARATY •

1502, capitaneada por Gonçalo Coelho. Coincidência ou não, no período também foi descoberta a Baía de Angra dos Reis ou Baía da Ilha Grande.

Mas há controvérsias. A história também nos relata que Martim Afonso teria saído de Lisboa em dezembro de 1530 e aportado no atual estado de Pernambuco em janeiro de 1531, tendo chegado ao Rio de Janeiro no mês de abril e aportado em Paraty em agosto daquele ano. Outros historiadores, entretanto, defendem que o colonizador, vindo de São Vicente, só teria chegado a Paraty no final do século XVI. No entanto, parece ser consenso que a expedição de Martim Afonso de Souza foi fator determinante para dar início à colonização da região de Paraty.

O que aconteceu a partir de 1532 foi a forte expansão da civilização do açúcar”, diz Costa, lembrando a frase “Onde mói o engenho, destila o alambique”, do folclorista Câmara Cascudo, no livro “Prelúdio da Cachaça”.

PRIMEIROS ENGENHOS, PRIMEIROS ALAMBIQUES

A cana-de-açúcar, primeira lavoura implantada no Brasil, contribuiu decisivamente para a colonização e para o estabelecimento do europeu no território. Disseminada por todo o litoral, do norte ao sul, e no interior, afora os áridos sertões nordestinos, a cana foi, como a mandioca,

incorporada ao consumo humano. E a história registra: o açúcar foi o maior esteio dos tempos coloniais e também da monarquia.

Não há como se precisar o ano exato do surgimento da cachaça, mas é certo que ela decorreu dos primeiros engenhos de cana-de-açúcar, todos na região de São Vicente: o Engenho dos Erasmos (ou do Governador), o Engenho de Madre de Deus e o Engenho de São João. E a instalação desses primeiros engenhos para produção de açúcar e rapadura, em 1540, ensejou o que viria a se transformar na cachaça. E a história não é unânime quanto aos procedimentos. Uma das correntes cita que, para se fazer a rapadura, fervia-se o caldo de cana, separando a espuma que se formava (o cagaço) para dar aos animais. Encarregados da produção da rapadura e de levar o cagaço para o cocho dos animais, os escravos perceberam que após um ou dois dias parado, o cagaço fermentava, transformando-se em álcool. Acostumados a produzir a bagaceira, uma aguardente derivada da uva, os senhores de engenho resolveram destilar o cagaço para separar as impurezas, daí resultando a aguardente de cana.

Ao falar sobre os engenhos, Mary Del Priore e Renato Venancio, em “Uma Breve História do Brasil”, descrevem as rodas d’água, herdadas dos mouros e que chegaram ao Brasil pela mão de habilidosos artesãos. “Sempre na vertical,

tinham o diâmetro de aproximadamente sete metros. Acoplada ao mesmo eixo da roda d’água havia outra roda menor, dentada, chamada rodete, que transmitia o movimento a uma roda maior, esta horizontal e com o mesmo diâmetro da roda d’água, que se chamava bolandeira. O eixo da bolandeira, revestido de um cilindro dentado e reforçado com aros de ferro, transmitia o movimento a dois outros cilindros paralelos, também dentados e reforçados. Era entre eles que se passava a cana.”

Indispensáveis para a moagem em grande escala da cana-de-açúcar, as rodas d’água são parte integrante da história da cachaça em Paraty, onde, desde o século XVII, teve início a produção de açúcar e aguardente, conforme registros em documentos. O solo da região era considerado ideal para a plantação de cana-de-açúcar e a geografia acidentada, com numerosos rios, facilitava a construção de rodas d’água.

Esses elementos transformaram Paraty no maior e melhor centro produtor da bebida durante os períodos do Brasil Colonial e Imperial. E tão famosa era a bebida na região que passou a ser comum as pessoas pedirem uma “parati” quando queriam um simples copo de aguardente...

Outra menção data de 1877, quando um jornalzinho de Recife, “A Duquesa do Linguarudo”, chegou a publicar a seguinte frase: “A Patrícia, a quem na Corte chamam Paraty, tem no norte o nome de Canna”.

“A Patrícia, a quem na Corte chamam Paraty, tem no norte o nome de Canna”

PARATY NA LINHA DO TEMPO

1532 a 1660 – Nasce o povoado de Paraty vinculado à Vila de Nossa Senhora da Conceição da Ilha Grande (hoje, Angra dos Reis), baseado no porto do caminho da serra e centrado na lavoura canavieira para fabricação de açúcar e aguardente. O início da produção da aguardente acontecia quase ao mesmo tempo na Bahia, Pernambuco e na região do Rio de Janeiro.

1667 - Dom Afonso VI reconhece a nova vila com o nome de Vila de Nossa Senhora dos Remédios de Paraty.

1695 – Início da prospecção do ouro no Brasil, quando Paraty dispunha do único caminho de ligação do Rio de Janeiro com as minas. Neste período, a Vila de Paraty era porta de entrada para os que, aos milhares, buscavam enriquecer no “eldorado” brasileiro.

Estima-se em mais de 150 mil o número de portugueses que chegaram ao Brasil em busca do ouro e que, sendo este o único caminho para as minas, obrigatoriamente passaram por Paraty - porto de embarque do ouro e pedras preciosas para a cidade do Rio de Janeiro, na rota para Lisboa. O movimento era intenso com a entrada de tecidos, ferramentas, gêneros alimentícios e escravos para abastecer São Paulo e as minas. A isso se somava a grande produção de aguardente, embarcada para Europa como aperitivo, levada como dinheiro para compra de escravos

na África e transportada para as minas para “alimentar” os escravos. Já era significativo nessa época o aumento da produção dos engenhos de aguardente e açúcar.

1763 - A transferência da capital do Brasil de Salvador para o Rio de Janeiro valorizou o porto de Paraty e intensificou o crescimento da Vila e a produção de aguardente. Em 1787 iniciam-se as obras de construção de uma maior e definitiva Igreja Matriz. E em 1790, com uma população de 6.622 habitantes, a Vila já reunia 392 casas, entre elas, 35 sobrados.

A produção de aguardente em Paraty está intimamente ligada à escravidão. Os traficantes de escravos aproveitavam as constantes brigas tribais na África para negociar com as tribos vencedoras a compra das tribos capturadas. Como dinheiro ou ouro não tinham utilidade para os africanos, o pagamento pelos escravos era feito com tabacos produzidos na Bahia e Pernambuco ou com a aguardente produzida no Rio de Janeiro, onde, em 1799, havia 253 alambiques, dos quais 155 em Paraty.

Em 1805, o Ouvidor Geral José Antonio Valente, nas Providências Administrativas, informava sobre Paraty: “Na agoa ardente tem progresso, e sobre tudo na feitoria que lhe assegura de augmento sete mil réis em pipa sobre as demais. Talvez se descubram, examinando o causal da melhoria, se do terreno, das agoas ou das lenhas ela provém. Deve regular a

duas mil e seiscentas pipas por ano, e faz este artigo, 151.200\$ (contos de réis). Esta resulta de produção calculada”. Isto corresponde aproximadamente a 1.232.000 litros!

O CICLO DO OURO e o ENVELHECIMENTO DA CACHAÇA

Durante o ciclo do ouro, as vilas das minas gerais eram abastecidas pelos tropeiros com a melhor aguardente de Paraty. Essa bebida, porém, transportada em barris pelas trilhas da Serra do Espinhaço, demorava a chegar ao destino. Só iria ser saboreada após negociações e estocagem nos tonéis de casas comerciais, tascas e tavernas, muitas vezes também sendo guardada em pipas nas adegas particulares. O que não se sabia ainda é que todo aquele tempo dentro de barris, tonéis e pipas de madeira ia tornando a aguardente mais e mais saborosa... Descobriu-se assim a magia do envelhecimento da cachaça nos recipientes de madeira.

E a própria história permitiu concluir que a primeira cachaça a ser envelhecida e apreciada com sabor de diversas madeiras foi a de Paraty.

1808 - A vinda da Família Real para o Brasil impulsionou o comércio entre Paraty e o Rio de Janeiro. E a Abertura dos Portos, decretada por D. João VI, foi determinante para o incremento da exportação de cachaça. A população da Vila, na época, foi calculada em 6.128 habitantes.

“Na agoa ardente tem progresso, e sobre tudo na feitoria que lhe assegura de augmento sete mil réis em pipa sobre as demais. Talvez se descubram, examinando o causal da melhoria, se do terreno, das agoas ou das lenhas ela provém. Deve regular a duas mil e seiscentas pipas por ano, e faz este artigo, 151.200\$ (contos de réis). Esta resulta de produção calculada”.

1813 – O café do Vale do Paraíba desce a serra para o embarque no porto e a aguardente de Paraty ganha mercado nas fazendas dos Barões do Café. Nesse início do século XIX o café atingia alto valor no mercado europeu. Em 1830 já era o produto brasileiro mais exportado, desbancando o ouro e o açúcar. A principal região produtora de café era o Vale do Paraíba, e Paraty era o porto mais próximo para embarcar o café com destino à Europa.

Começava, então, na vila um movimento nunca visto. Mais de 400 casas, 40 sobrados. Eram cerca de 10 mil os habitantes, dos quais 3.500 eram escravos. Os lucros com o café tornaram possível a construção de mais uma igreja - a de Nossa Senhora das Dores. Foi ainda nesse período de crescimento que o calçamento das ruas da Vila foi terminado.

Tão intenso mostrava-se o desenvolvimento da Vila, que a lei Provincial nº 302, de 12 de março de 1844, elevou-a à categoria de Cidade, com o nome de Paraty. Nas casas do centro predominavam a arquitetura de armazéns e lojas, com portas no lugar de janelas, sendo que nos sobrados o comércio era no térreo e a residência no andar superior. Em todo Brasil colonial e também em Paraty predominavam três classes de casas de negócios: comerciantes, negociantes e vendedores.

Em 1850 havia em Paraty mais de 150 alambiques e uma população de 16 mil habitantes. Entretanto a riqueza ficava

na mão de poucos. O relevo montanhoso e recortado por vários rios dividia, naturalmente, as propriedades rurais entre vários pequenos agricultores e produtores de aguardente.

Em 1851 foi construído o Chafariz do Pedreira, que permitiu levar água encanada até a cidade.

A FASE ÁUREA

O período de maior prestígio da cachaça talvez tenha sido durante o Brasil Império. Nessa época, a boa aguardente de Paraty era degustada em cálices de cristal pela família e amigos do Imperador. O Museu Imperial de Petrópolis guarda em uma cristaleira da sala de jantar uma garrafa trabalhada com um colar de prata contendo o Brasão do Império sobre uma placa com o nome Paraty: era a garrafa utilizada para servir a cachaça que D. Pedro tanto apreciava.

Mesmo antes da independência, a bebida já havia se transformado em símbolo de brasilidade, de resistência contra a condição de colônia de Portugal. Em janeiro de 1871, em resposta ao Presidente da Província do Rio de Janeiro, a Câmara Municipal de Paraty relata que a produção de aguardente triplicou de 2 mil para 6 mil pipas, entre 1865 e 1870.

PERÍODO DA DECADÊNCIA

Cidade de passagem, dedicada exclusivamente ao comércio, Paraty sofreu dois grandes golpes.

O primeiro foi a abertura da estrada de ferro D. Pedro II, em 1870, que ligava o Vale do Paraíba ao Rio de Janeiro, tornando mais rápido, seguro e barato o transporte do café via ferrovia, do que o caminho terrestre-marítimo via Paraty.

O segundo golpe foi a Abolição, com a promulgação da Lei Áurea, em 1888. Paraty dependia muito da mão-de-obra escrava, tanto para a lavoura da cana e do café como para os engenhos e alambiques, e também para a constante manutenção do caminho que cruzava a serra, o que exigia a limpeza de galhos e árvores que caíam nos rios e represavam a água. Documentos do Acervo Público de Paraty, originários da Câmara Municipal, informam que na década de 1880 o governo provincial decidiu implantar um Engenho Central para a produção de açúcar, o que não chegou a se efetivar.

Consta também que, entre 1870 e 1900, tentou-se manter o comércio com o Vale do Paraíba de mercadorias ainda produzidas na cidade – banana, farinha, palmito, café, feijão e principalmente a cachaça. Entretanto, sem a força dos escravos para a devida manutenção, o caminho pela serra tornou-se intransponível.

Entre as sérias consequências da época, a história registra, em 1925, o fechamento da Santa Casa, inoperante por falta de recursos. Um tempo em que não havia um único médico ou dentista na cidade de Paraty... Um tempo de grande êxodo populacional, especialmente de homens à procura de trabalho nas cidades

“...em vez de tomar chá com torrada ele bebeu Parati...”

vizinhas, quando então restaram apenas 600 moradores, entre velhos, mulheres e crianças... Um tempo em que os estabelecimentos comerciais fecharam e viraram residências, com muitas casas ruindo por falta de manutenção...

Esse período de abandono e isolamento atingiu duramente a produção de cachaça em Paraty. Livros e documentos registram que dos mais de 150 engenhos ou engenhocas existentes no século XIX, apenas três permaneceram ativos ao final do século XX, embora agonizantes pela falta de estrutura, de investimentos e de novas técnicas. Ainda assim permaneceu viva a qualidade da cachaça produzida em Paraty: em 1908, na Exposição Industrial e Comercial do Rio de Janeiro, a cidade recebia a Medalha de Ouro com a aguardente Azuladinha, conhecida também como Azulada, fabricada com folhas de mexirica.

E vale lembrar que em 1935 Carmen Miranda eternizou a cachaça, cantando ao mundo os versos de Assis Valente: “...em vez de tomar chá com torrada/ ele bebeu Parati...”

NOVOS CAMINHOS

Com a abertura do trecho da rodovia BR-101, ligando Rio de Janeiro a Santos, em 1970, teve início o desenvolvimento do turismo em Paraty. Abriam-se, então, as portas para a atividade econômica que viria trazer de volta o movimento comercial

e o progresso ao município. Cinco anos depois, em 1975, de tão grande o movimento, foi preciso controlar a entrada de automóveis na cidade. Desde então, grossas correntes passaram a impedir o acesso de veículos motorizados no centro histórico.

Iniciava-se um novo tempo para Paraty, que voltava, de forma esplêndida, a se caracterizar como “cidade de passagem”, tal como fora definida desde a chegada dos colonizadores. Foi quando começou a exploração do grande potencial turístico da região de clima agradável e população hospitaleira, com suas mais de 300 praias, algumas praticamente virgens e “presas” entre a mata atlântica da Serra do Mar e o mar calmo e límpido da baía da Ilha Grande, e suas inúmeras cachoeiras – fatores que fizeram da cidade uma das mais procuradas por turistas brasileiros e estrangeiros.

O SÉCULO XXI E A CACHAÇA DE PARATY

Durante todo o século XX a produção tradicional de cachaça em Paraty foi mantida, embora fossem poucos os alambiques em atividade. Em 1983, para celebrar o único produto industrial da região, foi criado o Festival da Pinga, evento que até hoje é dos mais tradicionais da cidade.

Mas nos anos 1990, a falta de estrutura, dificuldades de comercialização e problemas na qualidade dos produtos

afetaram o setor. Apenas três alambiques prosseguiram na produção até o final da década. E foi por iniciativa desses poucos produtores que o cenário começou a mudar.

Como resultado de uma consultoria em 1997, em convênio com o SEBRAE e a Fundação BIO-RIO, e com a fundação da APPAP, Associação dos Produtores de Pinga Artesanal de Paraty, em 1999, a produção de cachaça voltou a atrair os produtores locais e novos engenhos começaram a surgir.

Já em seu início, o século XXI anunciava em Paraty a retomada do polo industrial concentrado na produção de cachaça. Com a alteração da APPAP para APACAP, Associação dos Produtores e Amigos da Cachaça Artesanal de Paraty, em 2004, o setor ganhou um novo impulso e a qualidade dos produtos mereceu a atenção do MAPA, Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Foi concedido naquele ano o primeiro Selo de Excelência a uma cachaça de Paraty.

Desde então, graças ao resultado dos trabalhos de reestruturação e modernização dos alambiques da cidade e a estímulos para novos engenhos, inclusive por um trabalho de melhoria e aumento da área de plantio de cana-de-açúcar no município, o setor vem se firmando.

O grande marco dessa nova era da cachaça paratiense foi a conquista,

“Um cálice de paraty, diz-se ainda hoje, como quem diz madeira, porto, colares, cognac, champanhe, bordeaux, tokay, terras que são nomes de vinhos” ...

em 8 de maio de 2007, do certificado de Indicação Geográfica “Paraty” para cachaça, concedido pelo INPI, Instituto Nacional de Propriedade Industrial, na modalidade Indicação de Procedência. Avanço significativo para a agroindústria da cachaça no Estado do Rio de Janeiro e no Brasil, foi a 4ª Indicação Geográfica reconhecida no país e a 1ª no setor de cachaça.

CACHAÇA, CARNAVAL E CULTURA

Reafirmando sua tradição de qualidade e o reconhecimento de sua importância cultural e histórica, o produto foi tema campeão do carnaval de 2001 da escola de samba Imperatriz Leopoldinense. O samba-enredo vencedor, de Marquinho Lessa, Guga e Tuninho Professor, reconhecia seu valor: “ Pinga...Olha a cana virando aguardente / No mercado do ouro

atraente / Parati espalhou a bebida / Pra garimpar, birita tem.”

E coube ao renomado folclorista brasileiro Luís da Câmara Cascudo confirmar que, ao longo do tempo, Paraty e cachaça tornaram-se mesmo sinônimos. Consta em seu livro Prelúdio da Cachaça, publicado em 1967, em Natal, RN, o seguinte comentário: “Um cálice de paraty, diz-se ainda hoje, como quem diz madeira, porto, colares, cognac, champanhe, bordeaux, tokay, terras que são nomes de vinhos” ...

UM REGISTRO

O escritor paratiense José Carlos de Oliveira Freire (Zezito) em parceria com o Sr. Francisco Gama Gonçalves (Tico) relacionaram 95 engenhos que existiram em Paraty, citando deles a localização, o tipo de engenho e o respectivo proprietário. Esta relação foi publicada pelo “Jornal de Paraty” em janeiro do ano 2000, em artigo de J. Freire (Zezito).

Observação: manjarra era o nome dado aos engenhos movidos a burros ou junta de bois.

Boa Vista:

- 01 – (roda d’água) - Dr. João Lopes
- 02 – (Fazendinha, manjarra) – Dr. José Borges (Zeca Borges)
- 03– Boa Vista (roda d’água, depois caldeira) - Antônio Manoel Vasco da Gama; João Luiz German Bruhns (pai de Julia Mann); Eng. Paulo de Frontin, Domingos Feliciano Corrêa, José Melo
- Canhanheiro:
- 04 – (roda d’água) - Jerônimo Ribilett

Bom Jardim:

- 05 – Bom Jardim 1 – (manjarra) Henrique Berchand
- 06 – Bom Jardim 2 – (manjarra) Henrique Berchand
- Tucupê:
- 07 – Tucupê 1 (manjarra) – João Gama
- 08 – Tucupê 2 (manjarra) – João Gama
- Praia Grande:
- 09 – (manjarra) – Antônio Feliciano de Araújo (Antonio Bento)
- Jurumirim:
- 10 – (roda d’água) – Gregório Alves, Valadão, Hipólito Sampaio, Luiz José Gonçalves
- Prainha:
- 11 – (manjarra) – proprietário ignorado
- Praia do Chico Isidoro, atual Praia do Baré:
- 12 – (manjarra) – Francisco Isidoro
- Praia do Guerra:
- 13 – (manjarra) – Antônio (?) Guerra
- Praia:
- 14 – (manjarra) – José Bonifácio
- Praia da Lula:
- 15 – (manjarra) – proprietário ignorado
- Praia da Conceição:
- 16 – (manjarra) – Benedito Moura
- Praia do Preguiça:
- 17 – (manjarra) – Padre Viana e sua irmã

Catarina

- Ilha do Algodão:
- 18 – Engenho 1 – manjarra – Padre Viana e sua irmã Catarina
- 19 – Engenho 2 – manjarra – Padre Viana e sua irmã Catarina
- 20 – Engenho 3 – manjarra – Padre Viana e sua irmã Catarina
- Sucuri:
- 21 – (manjarra) - João Jaques de Moraes
- Serraria:
- 22 – (roda d’água) – Manoel Antônio Vasco da Gama, João Olímpio
- Pastinho:
- 23 – (manjarra) – Maneco do Sobrado
- Porto Grande:
- 24 – (roda d’água, depois manjarra, caldeira) - Manoel Vasco da Gama
- Diogo Vaz:
- 25 – (manjarra) – Diogo Vaz
- Fundão:
- 26 – (roda d’água) – Pedro Erasmo de Alvarenga Corrêa (Peroca)
- Barreiros:
- 27 – (manjarra) – espanhol de nome ignorado
- Caçada:
- 28 – (roda d’água) – Benedito Alves
- Rio Turvo:

- 29 – (manjarra) – Benedito Alves
Itatinga: (anteriormente, fábrica de tecidos)
- 30 – (roda d'água) – Manoel José de Souza, depois Bié do Carmo (Gabriel Lopes de Alvarenga)
Paraty-Mirim:
31 – (roda d'água) – Manoel José de Souza Paraty-Mirim, na subida do índio:
32 – (roda d'água) - Eng. de açúcar – Manoel José de Souza.
Pedras Azuis:
33 – (roda d'água) – Capitão Antônio Ferreira Vasconcelos França.
Sobradinho:
34 – (manjarra) – Antonio Manoel Alves (pai)
Sertão da Independência:
35 – Engenho I – (roda d'água) – José Avelino de Souza
36 – Engenho 2 – (roda d'água) – João Avelino de Souza
Fazenda Laranjeiras:
37 – (roda d'água) – proprietário ignorado no tempo do engenho. Hoje ali existe o Condomínio Laranjeiras.
Martins de Sá:
38 – (roda d'água) – Martins Corrêa de Sá Praia Grande da Cajaíba:
39 – (roda d'água) – Capitão José Araújo Ponta da Cajaíba:
40 – (roda d'água) - aguardente e açúcar – Capitão Manoel Bulé
Praia do Sobrado:
41 – (roda d'água) – Capitão José Vianna, irmão do Padre Vianna
Praia do Engenho:
42 – (roda d'água) - Capitão Pedro de Almeida
Praia das Antas:
43 – (roda d'água) – Capitão Faustino Mamanguá – Rio Grande:
44 – (roda d'água) – Capitão Antônio Pacheco
Mamanguá – Rio Turvo:
45 – (roda d'água) – Padre Manoel Alves Veludo
Mamanguá – Regato:
46 – (roda d'água) - José Moreira
Rio dos Meros:
47 – Engenho do Campinho – (roda d'água) – José Campinho
Rio dos Meros:
48 – (manjarra) – Feliciano, João Magalhães

Rio dos Meros:
49 – (roda d'água) - Da. Velhoca França – Barnabé Ramos de Oliveira

Rio dos Meros:
50 – (manjarra) – Antonio Luiz (?)
Rio dos Meros:
51 – (roda d'água) – Aníbal Gama, Crispim Rafael de Alcântara, André Monge de Alcântara, Pinho
Rio dos Meros:
52 – (roda d'água) – Dr. João Lopes Olaria:
53 – (manjarra) – Abílio Dutra
Olaria:
54 – (roda d'água) – Carlos dos Santos Dias
Olaria:
55 – (manjarra) - Marechal Manoel Eufrásio dos Santos Dias
Olaria:
56 – (manjarra, depois caldeira) – José Monteiro, Luiz José Vieira
Ribeirinho:
57 – (manjarra) – proprietário ignorado
Fazenda Preta:
58 – (manjarra) – Manoel Francisco Peres dos Santos
Pedraria:
59 – (roda d'água) – Manoel Bento
Várzea da Marina:
60 – (roda d'água) – Da. Marina (?)
Corisco:
61 – (roda d'água) - José Teófilo da Costa Moreira
Fazenda N. S. da Conceição-Bananal:
62 – (roda d'água) – Da. Geralda Maria da Silva
Fazenda Cachoeira:
63 – (roda d'água) – Cap. Apolinário de Paula e Silva
Fazenda Cachoeirinha:
64 – (roda d'água) – Cap. Apolinário de Paula e Silva
Fazenda Bananal:
65 – (roda d'água) – Dr. Paulo (?)
Fazenda Bananal:
66 – (roda d'água) – Francisco Costa, pai de Samuel Costa
Fazenda Carretão:
67 – (roda d'água) – Francisco Costa
Alto Bananal: Engenho da Carolina:
68 – (roda d'água) – Da. Carolina (?)
Fazenda Pedra Branca:
69 – (roda d'água) – Tte. Francisco Manoel de Alvarenga e Souza (Chico Souza)
Bom Retiro – Fundos:
70 – Engenho da Moenda (roda d'água) – Juca Moreira
Caboclo:
71 – (roda d'água) – José Rodrigues de Carvalho

Fazenda Bom Retiro:
72 – (roda d'água) – Bernardino Malvão MmmMaMalvão
Várzea do Corumbê:
73 – Engenho do Malvão – (roda d'água) – Benedito Malvão (pai).
Barra do Corumbê:
74 – (roda d'água) – Benedito Malvão Corumbê:
75 – (manjarra) – João Soares
Fazenda Preta do Saco Grande:
76 – (roda d'água) – Antônio Florêncio Alto do Saco Grande:
77 – (manjarra) – Da. Geralda Maria da Silva
Saco Grande:
78 – (roda d'água) – José Marcelino de Oliveira Garcez
Saco Grande:
79 – (roda d'água) – Antônio Bittencourt Ponta da Navalha:
80 – (roda d'água) – Neco Dutra
Praia Grande:
81 – (roda d'água) – Cap. Joaquim Lourenço de Oliveira
Sertão do Saco Grande:
82 – (roda d'água) – Cap. Joaquim Lourenço de Oliveira
Praia do Engenho:
83 – (manjarra) – Da. Perciliana (?)
Engenho do Buraco – Fundos da Graúna:
84 – (roda d'água) – Da. Perciliana (?)
Fazenda Graúna:
85 – (roda d'água) – Júlio Honorato
Rio Pequeno:
86 – (roda d'água) – José Coelho
Rio Pequeno-Nanhanquara:
87 – (roda d'água) – Joaquim Dutra
Barra Grande:
88 – (roda d'água) – Honório Lima, Dr. Alberto Maranhão
Fazenda Melancia – Taquari
89 – (roda d'água) – José Apolinário Cananéa
Taquari:
90 – Fazenda do Bertrand (roda d'água) – Bertrand (?)
Iriri-Guaçu:
91 – (roda d'água) – proprietário ignorado
Sertão do Taquari – Fazenda Conceição:
92 – (roda d'água) – Antônio Zoroastro Barra Grande – Engenho da Colônia:
93 – (roda d'água) – Colônia de franceses Barra Grande – Catimbau:
94 – (roda d'água) – proprietário ignorado
São Gonçalo-Águas Lindas:
95 – (roda d'água) – proprietário ignorado